

INSERÇÃO NO MUNDO DA LEITURA E DA ESCRITA: DESAFIOS CONSTANTES.

¹Larissa Fontenele Ferreira

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a Inserção da criança no mundo da leitura e da escrita, bem como sobre seus desafios constantes, é uma necessidade basilar. Tendo em vista que, mesmo com os avanços teóricos na área de alfabetização e do letramento, especialmente desde a publicação da Psicogênese da Língua Escrita aqui no Brasil, no início da década de 1980, é notória a necessidade da superação de práticas mecanizadas e tecnicistas, desprovidas de interesse e desvinculadas do uso social da cultura escrita. Ademais, comunga-se com Freire (1989) quando este afirma sobre a necessidade de vincularmos as práticas de leitura convencional à leitura do contexto em que o sujeito vivencia “Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘Palavramundo’ ”(FREIRE, 1989, p.9), leitura, essa, em que o sujeito vivencia e que, por vezes, é negligenciada ao chegar na vigente instituição de ensino, trazendo, conseqüentemente, resultados insatisfatórios para o aluno, que já carrega desde cedo “as relações injustas entre escola pública e uma sociedade dividida em classes.” (SOARES, 2017, p.7).

Frente ao exposto, indagou-se, quais desafios são inerentes à práxis pedagógica a respeito do ato de alfabetizar e de letrar em uma escola pública na periferia de Fortaleza, acompanhada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Pedagogia?

Sendo assim, no decorrer dos nossos encontros, nas escolas, que ocorriam de forma semanal, dividimos o tempo para análise das aulas das professoras da instituição e um espaço do tempo para atuarmos como sujeitos de ação, com desenvolvimento de atividades contextualizadas, as ações realizadas foram: peças teatrais, mostras musicais, além da contação de histórias variadas, no intuito que as crianças pudessem escolher quais eram suas preferidas.

A interação a partir dessas práticas lúdicas que envolvem a leitura e a escrita de forma fluida e espontânea, aproximou mais os alunos dos bolsistas, possibilitando um vínculo afetivo e uma relação horizontal, na qual a aproximação das crianças e o desejo de participar das atividades propostas tornou o processo de aprendizagem gradativamente mais significativo, ampliando a imaginação e, assim, aos poucos as inseguranças vinculada a timidez foram se diluindo e, dessa maneira, deixaram fluir suas representações escritas. Nessa perspectiva, em paralelo à atuação da professora regente, observou-se evolução considerável nas hipóteses das representações escritas e fonológicas das crianças, ou seja, na relação fonema/grafema.

Em língua oral permitimos à criança que se engane ao produzir, tanto quanto ao interpretar, e que aprenda através de suas tentativas para falar e para entender a fala dos outros. Em língua escrita todas as metodologias tradicionais penalizam

¹ Graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC,
larissafontenele4@gmail.com

continuamente o erro, supondo que só se aprende através da reprodução correta, e que é melhor não tentar escrever, nem ler, se não está em condições de evitar o erro. A consequência inevitável é a inibição: as crianças não tentam ler nem escrever e, portanto, não aprendem. (FERREIRO, 2011, p. 31-32).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, especificamente estudo de caso, onde os dados para a realização desta investigação foram coletados durante o 2º semestre de 2018, no período de 01/08 à 21/11, em uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental. O interesse por este estudo remete-se à experiência como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, e que possui foco na alfabetização dos alunos da rede pública municipal de Fortaleza,

A intenção era a cada mês trabalhar um gênero textual a partir de uma história contada, ou seja, na turma que realizei a pesquisa tinham 24 crianças e, juntamente a elas, companheiros da academia e a coordenação pedagógica do PIBID. Estudamos e realizamos o projeto acerca dos gêneros textuais: Convite, Carta, Lista de supermercado e Receita culinária, envolvendo, desse modo, a leitura de mundo: a alfabetização e o letramento “Não falo somente de produção de marcas gráficas por parte das crianças; também falo de interpretação dessas marcas gráficas” (SOARES, 2011, p.80), nosso objetivo era incluir as crianças na leitura e na escrita, a partir de um contexto no qual elas já conhecem ou ainda conhecerão, perpassando o ensinamento por meio das cartilhas, que muitas vezes são pobres e com ideologias definidas.

Durante a realização do projeto foram utilizados alguns aparatos tecnológicos, artísticos e históricos, que unidos resultaram em um portfólio de sala com as marcas escritas no início do processo e no final do mesmo, assim como na documentação dos recursos fotográficos das crianças e das atividades. A referida experiência focada nos gêneros textuais, assim como nas construções e reconstruções das representações dos códigos para as crianças, resultara em uma discussão que perpassa o ato de ensinar, buscando envolver a criança que está em processo de aprendizagem, tornando esse percurso mais prazeroso e significativo.

Em todo esse processo, observei/ analisei a evolução psicológica, linguística, fonológica das crianças, assim como suas representações escritas, a partir da intervenção do programa, no decorrer do semestre, e seus resultados geraram discussões acerca da nossa ação.

Por fim, a inserção no mundo da escrita e da leitura, de fato, é um desafio constante, tendo em vista que as práticas pedagógicas dos docentes acerca da alfabetização, muitas vezes, servem a um propósito, ao ato de ensinar mecanicamente o código da língua escrita, esquecendo do ato de ensinar a interpretá-la.

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos. (SOARES, 2003, p. 03)

RESULTADOS E DISCUSSÕES.

Durante o período do projeto focados nos gêneros textuais e nas histórias contadas em sala, percebeu -se de forma significativa, uma mudança nas crianças "Algo muito importante

e pouco compreendido é que um processo de construção envolve processos de reconstrução, e que os processos de coordenação, integração, diferenciação etc. Também são processos construtivos." (FERREIRO, 2011, p. 80).

Após a sistematização da metodologia do processo do projeto, foi possível perceber como estavam acontecendo as construções e as reconstruções das crianças, desde de suas relações afetivas até a própria aprendizagem. A partir desses vínculos, que foram demonstrados em uma aprendizagem mais acessível e fluida. assim, conjuntamente à parceria com professora regente na instituição, percebeu-se, por exemplo, mudanças notórias nas marcas gráficas e na consciência fonológica das crianças, concluindo que a partir da afetividade criada, com a mediação de atividades vivenciadas tornaram as crianças mais seguras e com melhor autoestima "relações interpessoais densas, mediadas simbolicamente, e não trocas mecânicas limitadas a um patamar meramente intelectual"(OLIVEIRA, 1992, p. 80).

Desse modo, as relações afetivas, unidas às mediações adequadas do ato de alfabetizar e letrar, envolvem o sujeito de ação para um aprendizado adequado. No entanto, mesmo com esses avanços apresentados, os desafios são constantes na atuação das práxis pedagógicas, tendo em vista, que ainda havia bastante resistência, por parte das crianças a participarem de forma espontânea/ fluida do projeto por estarem tão adaptadas com o sistema de ensino vigente, com viés mais enrijecido, que não nos permitia, muitas vezes, a atuar da forma mais adequada o projeto.

Além disso, analisou-se como era a relação da coordenação pedagógica da escola com as práticas metodológicas escolhidas pelos professores de cada turma, como esse setor institucional contribui para a aprendizagem das crianças de forma direta e indiretamente, além de observar como os professores alfabetizadores ensinam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Por fim, o referido estudo possibilitou concluir que muitas crianças não aprendem a ler e a escrever fluidamente/espontaneamente dentro desse ambiente educacional devido à falta de ensino adequado e até mesmo por ausência de incentivo à leitura e à escrita por meio de atividades mais lúdicas e significativas.

Ademais, a partir das análises feitas durante o período do projeto desenvolvido, foi importante o ato de permitir que os interesses que as crianças traziam pudessem se tornar objeto de estudo e de aprendizagem no contexto de sala de aula. como subparte do nosso projeto, incluindo assim as suas leituras vivenciais as leituras de salas, incentivando, consequentemente, ao interesse e a valorização das leituras de mundo de cada indivíduo.

"Toda criança pode aprender a ler e a escrever, mas não em qualquer situação" (LIMA, E. 2002 p.5). Dessa forma, as práticas pedagógicas devem ser bem analisadas pelo professor alfabetizador para que os objetivos sejam traçados de acordo com o que as crianças já trazem de conhecimento, considerando as vivências da Educação Infantil e as diversas práticas letradas em que já se inseriram na vida social, para que a aprendizagem ocorra de forma gradativa e significativa. Para tanto, faz-se necessário planejar os contextos e estratégias didáticas visando contemplar propostas específicas que serão progressivamente intensificadas de acordo com a evolução das crianças dentro do processo de alfabetização.

Ao considerarmos as especificidades do processo de alfabetização, é notória a necessidade da realização de um trabalho que garanta ao aluno a vivência de situações que o faça sentir-se desafiado e o leve a refletir sobre a língua, percebendo sua função social. Para tanto, é necessário compreender que dentro desse processo existe uma aprendizagem técnica que se refere à relação que se faz entre fonema e grafema; e uma aprendizagem relacionada aos diversos usos da leitura e da escrita, ou seja, são aprendizagens que se fazem ao mesmo

tempo e uma não é pré-requisito da outra. Ao mesmo tempo em que se constroem relações na perspectiva de uma consciência fonológica, é possível explorar diferentes gêneros textuais e suas funções, possibilitando o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita. Assim, entende-se que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, PIBID, Leitura de mundo, Crianças.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

LIMA, E. S. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Sobradinho, 2002.

MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização:** Apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y.; DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1992, p. 75-84.

SOARES, M. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.128.

SOARES, M. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2017.